

O OLHAR MASCULINO EM O CONTO DA AIA

Bruno Ribeiro (UNESPAR)¹

Luciana Cristina Santos (UNESPAR)²

RESUMO

Inspirado no romance distópico homônimo escrito por Margaret Atwood, *O Conto da Aia* é um seriado estadunidense ambientado em uma realidade em que os Estados Unidos da América foram atacados e desmantelados para dar espaço à *República da Gilead*, uma sociedade fundamentalista religiosa. A motivação da *Gilead* é reverter as baixas taxas de natalidade no mundo ao retornar as mulheres à função exclusiva de procriação e educação dos filhos. A *Gilead* divide as mulheres por castas e aquelas consideradas indignas de integrar a sociedade, porém férteis, são transformadas em *Aias*: mulheres cujo único objetivo é gerar filhos. O seriado é protagonizado por June, uma cidadã norte-americana sequestrada pela *Gilead* e forçada a assumir um posto na casa de um dos mais importantes Comandantes do país. Criado para a televisão, por Bruce Miller, *O Conto da Aia* ilustra o sofrimento de diversas mulheres em detalhes. Considerando que o criador do seriado é um homem, podemos teorizar que este sofrimento é enquadrado pelo aparato cinematográfico através de uma percepção masculina, que, de acordo com a teórica Laura Mulvey, comumente apresenta duas formas de olhar para o corpo da mulher: o olhar sádico-voyeurístico e o olhar escopofílico-fetichista (MULVEY, 1983), ambas pressupondo um espectador masculino e buscando escapar da ameaça de castração representada pelas mulheres em cena. Com base no conceito de olhar sádico-voyeurístico proposto por Mulvey, este artigo pretende observar a influência do olhar masculino na primeira temporada desta produção, e ponderar se o aparato cinematográfico consegue fugir do olhar essencialmente masculino quando retrata o martírio de mulheres.

Palavras-chave: O Conto da Aia. Olhar masculino. Laura Mulvey.

¹ Mestre em Cinema e Artes do Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), membro do GP Kinedária: arte, poética, cinema, vídeo.

² Mestra em Cinema e Artes do Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), membro do GP Eikos: Imagem e Experiência Estética.

INTRODUÇÃO

Criada por Bruce Miller, a série estadunidense *The Handmaid's Tale* (traduzida no Brasil como *O Conto da Aia*) é baseada no romance homônimo, publicado originalmente em 1985, pela escritora canadense Margaret Atwood. A primeira temporada conta com 10 episódios e foi lançada em 2017, no serviço de *streaming Hulu*. A trama é ambientada em um futuro distópico, em que uma alarmante queda da natalidade assola o planeta. Esta crise é oportuna para a ascensão de um regime totalitário fundamentalista religioso que passa a ocupar os Estados Unidos da América, após um golpe de Estado. Nesse contexto surge a República de *Gilead*, cujas leis severas são baseadas no Velho Testamento bíblico.

Em *Gilead*, as mulheres têm seus direitos humanos negados, são divididas em castas e obrigadas a atuar em funções específicas dentro da nova organização social. A protagonista é June Osborne (Elisabeth Moss), uma *Aia*, categoria de mulheres férteis designadas a servir a elite governante com a única função de gerar filhos (através de estupros ritualizados) para seus senhores e suas esposas inférteis. Ao ser enviada para a casa do Comandante Fred Waterford (Joseph Fiennes), June passa a adotar o patronímico *Offred* (*of Fred*, traduzido literalmente como “de Fred”), indicativo de sua servidão.

Diversas outras *Aias* são mostradas ao longo da série, sendo elas as maiores vítimas das torturas físicas e psicológicas praticadas. O sofrimento da mulher é fundamental à trama. A narrativa avança a partir da exaustão das personagens femininas, perante à violência à qual são submetidas. No entanto, cabe questionar: a maneira como esse sofrimento é retratado tem a função de despertar a empatia do espectador ou de satisfazê-lo?

O OLHAR MASCULINO E A ANSIEDADE DA CASTRAÇÃO

De acordo com Laura Mulvey, o aparato cinematográfico se desenvolveu a partir da hegemonia heteropatriarcal, tendo a mulher como objeto passivo de um olhar predominantemente masculino. A autora se baseia principalmente na teoria psicanalítica para fundamentar sua crítica sobre a imagem. Dos conceitos freudianos utilizados por Mulvey, destaca-se a compreensão da mulher enquanto ameaça castradora (pela ausência do falo)³, motivo pelo qual é constantemente retratada por este olhar masculino de maneira inferiorizada, seja através da objetificação ou da punição.

O inconsciente masculino possui duas vias de saída para esta ansiedade da castração: preocupação com a reencenação do trauma original (investigando a mulher, desmistificando seu mistério), contrabalançado pela desvalorização, punição ou redenção do objeto culpado (o caminho tipificado pelos temas do *film noir*); ou então a completa rejeição da castração, pela substituição por um objeto de fetiche ou a transformação da própria figura representada em um fetiche de forma a torná-la tranquilizadora em vez de perigosa (o que explica a supervalorização, o culto da *star feminina*). (MULVEY, 2018, p. 431)

O olhar escopofílico está associado à fetichização do corpo feminino, contexto em que a ameaça castradora é contida através da objetificação. Nesse sentido o olhar (masculino) é ativo,

³ Cabe notar que seu texto “Prazer Visual e Cinema Narrativo” (2018) foi publicado originalmente em 1975. Nele a autora dialoga com o feminismo posterior aos anos 1960. A demarcação destas datas é relevante no sentido de nos ajudar a compreender o contexto da produção intelectual de Mulvey, que analisa o cinema a partir das noções cisgênero e heterossexuais próprias do cinema hegemônico.

controlador, enquanto o objeto observado (a mulher) é passivo, impotente perante esse olhar. Dentro desta dinâmica, o erotismo aparece tanto de maneira mais contida, como no culto à estrela de cinema, quanto de maneira mais sugestiva ou até explícita, como quando o protagonista observa a personagem feminina se despir. A mulher é essencial ao espetáculo visual, mas tem pouca relevância narrativa no contexto de filmes que seguem o modelo hollywoodiano. Ela, por si, não faz a trama se desenvolver, estando presente em cena apenas para ser contemplada pelo protagonista masculino, representativo do olhar do próprio espectador.

Além da fetichização associada ao erotismo, a ansiedade da castração é por vezes apaziguada através do sofrimento da mulher, seja ele físico ou psicológico. Aqui o prazer visual do espectador masculino é fundamentado em outro tipo de controle sobre o corpo feminino, submetido à culpa e à punição. Não se trata então apenas de uma conveniência narrativa para que as personagens femininas sofram, mas sim da maneira sádica-vouyeurística como esse sofrimento é retratado. Para a análise sobre *O Conto da Aia* (Bruce Miller, 2016) pretendida por esse texto, nos concentraremos especificamente nessa categoria elencada por Mulvey.

O SOFRIMENTO DA AIA

A primeira sequência do primeiro episódio de *O Conto da Aia* apresenta a protagonista, June Osborne (Elisabeth Moss) em um carro, abraçada a uma menina, sua filha Hannah. O carro acelera na direção oposta de sirenes, enquanto ambas aparentam estar assustadas. O primeiro episódio do seriado, *Offred*, foi dirigido por Reed Morano e roteirizado pelo criador do programa, Bruce Miller. A dupla reprisa suas funções nos dois episódios subsequentes, *Aniversário* e *Atrasado*. Na figura 1, June é enquadrada através do espelho retrovisor de seu carro de fuga. Um prelúdio do aprisionamento e claustrofobia que acompanharão a personagem por toda sua trajetória.

Figura 1 - June no carro de fuga



Fonte: *O Conto da Aia* (2017)

Em *O Conto da Aia*, as baixas taxas de natalidade global são a justificativa para retirar direitos fundamentais das mulheres e obrigá-las a exercer o papel de procriadoras. No caso das *Aias*, essa obrigação é executada através de um estupro ritualizado, performando sempre que a mulher se encontra em seu período fértil. Sociedade fundamentalista religiosa, a *Gilead* rejeita soluções científicas como fertilização *in vitro* – preferindo basear-se em uma interpretação literal da Bíblia

para garantir que seus homens gerem herdeiros. Esta premissa é apresentada no episódio *Offred*, que dedica dois minutos de sua duração a uma sequência ilustrando os estupros que June sofre periodicamente. A sequência traz cortes secos dos personagens em cena em primeiríssimo plano, detalhes das mãos dos personagens e uma trilha sonora religiosa, interrompida quando, em *contra-plongée*, o Comandante ejacula. June e Serena, que também participa da ação, são filmadas na altura dos olhos ou em *plongée*.

Figura 2 - O estupro ritualizado



Fonte: O Conto da Aia (2017)

A violência sexual é apenas uma das formas de agressão cometidas contra June. A *Aia* é submetida à violência física e psicológica com frequência, aplicada por outras mulheres em posição de mais influência dentro do sistema de castas da *Gilead*. No episódio *Aniversário*, aos 19 minutos e 56 segundos, Serena oferece um biscoito à June, gesto que ela deve agradecer mesmo que se sinta humilhada: ela não tem autorização para comer uma sobremesa feita para as Esposas.

Figura 3 - June ganha um biscoito



Fonte: O Conto da Aia (2017)

As Esposas dos Comandantes têm papel de destaque nesta sociedade. Em *flashbacks*, Serena é revelada como uma figura de influência na era pré-*Gilead*, parte integrante da concepção desta sociedade. Ela aparece restringindo os movimentos de June durante o ritual de estupro em *Offred*, e constantemente aplica punições físicas à *Aia*. Em *Atrasado*, terceiro episódio do seriado, June é agredida fisicamente pela Tia Lúdia e por Serena, que fica frustrada ao saber que June não está grávida. Na figura 4, Serena proíbe que June deixe seu quarto.

Figura 4 - Serena agride June



Fonte: O Conto da Aia (2017)

O episódio *Atrasado* tem outra personagem em destaque. Emily, interpretada por Alexis Bledel, é uma *Aia* designada para uma residência próxima a dos Waterford. Ela havia recebido o nome de Ofglen. Emily é presa por manter um relacionamento com uma *Martha*⁴, cujo nome nunca é revelado. Ela é obrigada a passar amordaçada por um julgamento, é testemunha do enforcamento de sua namorada e passa por uma cirurgia de remoção de seu clitóris, uma prática que a *Gilead* chama de *Redenção*.

Figura 5 - Emily testemunha a morte de sua namorada

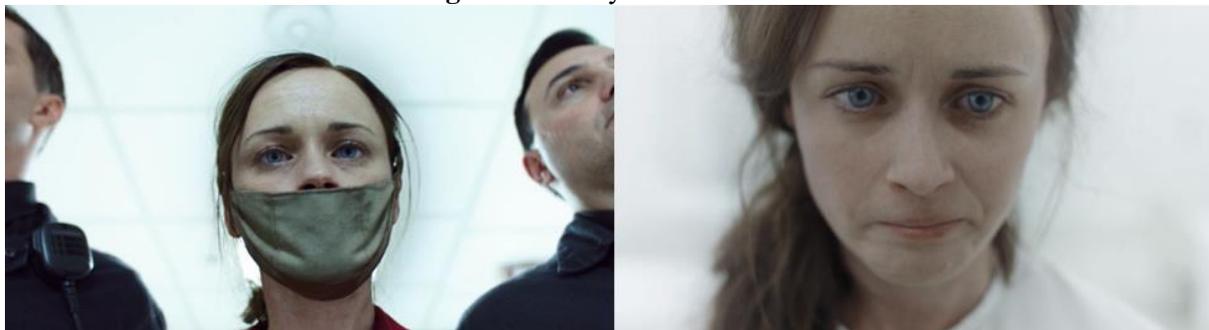


Fonte: O Conto da Aia (2017)

⁴ As *Marthas* são mulheres pertencentes à casta de servidoras domésticas na *Gilead*.

Durante todos estes acontecimentos, a personagem aparece centralizada em primeiríssimo plano, dando destaque aos seus olhos e suas expressões. Seu sofrimento emocional e físico é evidente. A figura 6 mostra a primeira e a última aparição de Emily no episódio.

Figura 6 - Emily em “Atrasado”



Fonte: O Conto da Aia (2017)

No episódio quatro, *Nolite Te Bastardes Carborundorum*, há uma inversão nos papéis atrás das câmeras. Mike Barker assume a direção e o roteiro é assinado por Leila Gerstein. *Nolite Te Bastardes Carborundorum* é uma análise do estado mental da protagonista. Confinada em seu quarto por ordem de Serena, June rememora seu passado e imagina quem teria sido a *Aia* a ocupar a casa dos Waterford antes dela. Já em sua primeira temporada *O Conto da Aia* convencionou o uso de primeiríssimos planos de June acompanhados de diferentes melodias como forma de ilustrar o estado de espírito da *Aia*. Na marca de 20 minutos, June tem uma crise nervosa ao se lembrar de sua filha.

Figura 7 - June se lembra de sua filha



Fonte: O Conto da Aia (2017)

Entre suas memórias está uma tentativa de fuga realizada em conjunto com a amiga Moira. June foi presa pouco depois e devolvida aos cuidados das *Tias*, que aplicaram punições físicas para impedi-la de andar. Em um *flashback*, enquanto a punição é executada, a câmera enfoca o rosto de June, novamente em primeiríssimo plano.

Figura 8 - June é punida



Fonte: O Conto da Aia (2017)

No episódio oito, *Jezebel*, escrito por Kira Snyder e dirigido por Kate Dennis, o Comandante leva June para um passeio em uma casa de prostituição. Para a ocasião ele depila as pernas de June, lhe autoriza usar um vestido dourado curto e maquiagem. Nick, o motorista, os acompanha e, a partir de sua perspectiva, é possível observar a incidência dos três olhares cinematográficos teorizados por Laura Mulvey: Nick observa June, seu objeto de desejo, e é observado pela câmera.

Figura 9 - June como objeto de desejo



Fonte: O Conto da Aia (2017)

O capítulo seguinte, *A Ponte*, vai destacar o sofrimento de outra personagem. Janine, interpretada por Madeline Brewer, é obrigada a deixar a casa de seu Comandante depois de dar à luz a uma menina. *A Aia* acredita que o Comandante está apaixonado por ela e lhe dará uma nova vida, e quando isso não se concretiza, ela sequestra a bebê e ameaça se jogar de uma ponte. Entre as situações que levam Janine ao desespero está o estupro ritualístico em sua nova família.

Figura 10 - Janine na ponte



Fonte: O Conto da Aia (2017)

Chamada para dialogar com a amiga, June convence a Janine a entregar a criança, mas a *Aia* acaba se jogando da ponte depois que sua filha está segura. Ela sobrevive à queda e é condenada ao apedrejamento público no episódio *Noite*. Pela recusa em executar Janine, June e as outras *Aias* são levadas pelos *Guardiões* para serem torturadas física e psicologicamente durante a segunda temporada do seriado.

Figura 11 - June observa a queda de Janine



Fonte: O Conto da Aia (2017)

CONCLUSÃO

Dos dez episódios que compõem a primeira temporada do seriado, oito foram dirigidos por mulheres e cinco tiveram seus roteiros assinados por mulheres. Esta equilibrada presença feminina resulta em uma produção que raramente fetichiza suas personagens, mas não consegue escapar do olhar sádico-voyeurístico presente na estrutura do aparato hollywoodiano. Com frequência, a violência presente em *O Conto da Aia* é infligida por e contra mulheres, apesar de a República de *Gilead* ser uma sociedade de raízes patriarcais. Aqui, as Tias e Esposas não emergem como sujeitos sexualizados ou fetichizados, e a própria natureza da história impede que elas exibam

comportamentos tradicionalmente femininos exacerbados. Será que a câmera deixa de buscar a identificação com o público masculino apenas porque o agente da ação é uma mulher?

É importante observar que, embora esteja contida pelo aparato e pela estrutura hollywoodiana, a presença de mulheres nos cargos de produção proporciona um tratamento diferenciado do corpo feminino em cena. Sequências de tortura, por exemplo, são retratadas de forma implícita. Há um destaque aos rostos destas personagens, mesmo que seus corpos sejam os recipientes destas violências. Ainda que restritas pelo contexto histórico e social, a representação feminina se beneficia da presença de mulheres atrás das câmeras.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

HANDMAIDS TALE, The. (Temporada 1) [Seriado]. Direção: Mike Barker, Kari Skogland, Reed Morano, Kate Dennis, Floria Sigmundi. Canadá: Hulu, 2017. Streaming, cor. 10 episódios.

MULVEY, Laura. “Prazer Visual e Cinema Narrativo” in: ISMAIL, Xavier (org) **A Experiência do Cinema**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Edições Graal, 1983, p.437-453.